



A PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL I – AMAMBAI/MS: O SUJEITO E SUAS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E DISCURSO

Marta Luzzi (PG-LETRAS/PIBAP)¹

Maria Leda Pinto (UEMS)²

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar análise parcial dos dados da pesquisa *O Processo Discursivo no Ensino de Língua Portuguesa e a Formação do Leitor/Escritor nos anos Iniciais do Fundamental I, Amambai-MS*, em andamento, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e financiado pelo PIBAP/UEMS. O trabalho apresenta uma reflexão sobre a Produção de Textos que compreende o sujeito e suas relações com a linguagem e o discurso em 03(três) textos produzidos pelos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, na Escola Dr.º Fernando Corrêa da Costa em Amambai. As análises estão fundamentadas na perspectiva sócio-interacionista da linguagem articulada ao pensamento do teórico Mikhail Bakhtin e evidenciam que esses alunos desenvolveram seus conhecimentos, em uma construção ativa e crítica do texto enquanto escritores/autores, mostrando os sentidos que o Discurso tem ao possibilitar a evidência de um sujeito – ser múltiplo – de muitas vozes, que se (re) significa mediado pela linguagem. Trabalhar nessa perspectiva é ter convicção de que é pela interação verbal, que sujeitos enunciadorese se (re)compreendem e se constituem como produtores de sentido. Fundamentados nesses estudiosos, foram analisados textos produzidos, no 2º semestre de 2012. Nessa análise foram encontradas algumas pistas, de como o ensino de Língua Portuguesa a partir da interação verbal, tem o texto como multiplicador de sentido e como ato discursivo.

Palavras-chave: Subjetividade; Ensino e Dialogismo

Abstract: The aim of this study is to present the partial analysis of the ongoing research “The Discursive Process in Portuguese Language Teaching and Read/Writer Teaching in the Early Primary School, Amambai-MS”, in the Master’s Program in Linguistics and Applied Language Studies at UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (State University of Mato Grosso do Sul) and funded by

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande. Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado financiado pelo Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação (Resolução CEPE-UEMS Nº 874, de 13/02/2009) da UEMS – PIBAP.

² Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.



PIBAP / UEMS. The paper presents a reflection on the texts production, which comprises the subject and their relation between language and discourse in 03 (three) texts produced by the students of the elementary school at Escola Dr.º Fernando Corrêa da Costa in Amambai. The analyses are based on the social interactionist theory and they are connected to Mikhail Bakhtin theory. They evidence that these students developed their knowledge in an active and critical construction of the text as writers/authors. This shows the meanings that the discourse has when it makes the evidence of the subject possible. This subject, who has many identities and consequently many voices, gets another meaning through language. Working from this perspective is to have conviction that enunciators understand their role as producers of meaning by the verbal interaction. The *corpus* comprehends texts produced in the second half of 2012. With this analysis, some clues, which explain how Portuguese teaching from the verbal interaction has the text as multiplier of meaning and as discursive act, were found.

Keywords: Subjectivity; Teaching and Dialogism

INTRODUÇÃO

A linguagem, vista a partir de uma concepção sócio-interacionista, que compreende a constituição do sujeito, nas diversas relações dialógicas, propõe-se a focalizar o Ensino de Língua Portuguesa como um processo interativo, evidenciando esse sujeito e suas interlocuções, por meio de espaços de produção de sentidos. Trabalhar nessa perspectiva pressupõe que é pela Interação Verbal, que os sujeitos enunciadore, se (re) compreendem e se constituem socialmente na relação com o Outro.

Dessa forma, a linguagem em seu caráter dialógico se aproxima do texto – não visto apenas como estudo da língua, mas para a própria compreensão e (re) construção do homem – no viés do discurso. Com esses objetivos procuramos aproximar Geraldi e Bakhtin em um diálogo constante entre linguagem e discurso. Tendo por base as reflexões desses estudiosos, analisamos os textos produzidos, no 2º semestre de 2012, pelos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Estadual Dr. Fernando Corrêa da Costa, no Município de Amambai, MS. Por uma questão ética, esses alunos serão identificados como aluno A, B e C. Nessa análise inicial encontramos pistas que nos permitem afirmar que o Ensino de Língua Portuguesa – a partir da Interação Verbal – possibilita ao sujeito ter seu texto como multiplicador de sentido e como ato discursivo.

Desse modo, a linguagem é parte integrante, não só do desenvolvimento intelectual, mas também, do processo do Ensino de Língua Portuguesa, pelo qual os alunos/aprendizes da escrita³ criam possibilidades de se constituírem como sujeitos que compreendem e (re) elaboram o seu próprio discurso.

Antes, porém de iniciarmos a análise dos textos, apresentamos, a seguir, uma reflexão sobre a concepção sócio-interacionista da linguagem, principalmente, na compreensão das noções de sujeito e dialogismo.

1. A linguagem como/no processo de constituição do Sujeito

Partimos do pressuposto, de que a linguagem, é o meio pelo qual, o sujeito se constitui na mais ampla forma de compreensão ativa, ultrapassando todas as concepções de que a linguagem é um mero instrumento de comunicação. Por isso, a compreensão – atividade mental – decodifica o signo, que segundo Bakhtin (1986, p.15) “[...] é, por natureza, vivo e móvel”, para que a palavra – por sua função de signo – possa ser compreendida como elemento social, ato ideológico e que constitui todo o discurso interior, a própria consciência.

De acordo com a perspectiva defendida por Bakhtin/Voloshinov (1986, p. 31-38; p.113) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ressaltamos alguns pontos relevantes entre palavra e signo, ligados a estrutura sócio-ideológica da linguagem:

A palavra:

- (a) “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade da palavra é absorvida por sua função de signo”. (Ibidem, p.36) (grifos do autor)
- (b) “[...] material privilegiados da comunicação na vida cotidiana. É justamente nesse domínio que a conversação e suas formas discursivas se situam”. (Ibidem, p.37) por isso, a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (locutor e interlocutário) (Ibidem, p.113)
- (c) “[...] a torna o primeiro meio da consciência individual”. [...] Isso determina o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interno)”. (grifos do autor)

³ Utilizo o termo empregado por João Wanderley Geraldi na obra: *A Aula como Acontecimento* editado em 2010, que contribui significativamente com a perspectiva desta pesquisa.

(d) “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (Ibidem, p.38)

O signo:

(a) “Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outro termo, tudo que é ideológico é *um signo. sem signo não existe ideologia*”. (grifos do autor) (Ibidem p.31)

(b) “Um signo é um fenômeno do mundo exterior (todas as ações, reações, e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na essência exterior”. (Ibidem p.33)

(c) “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e outra”. (Ibidem p.34)

(d) “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria do seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social”. (Ibidem p.36)

A partir dessa perspectiva, temos signo mergulhado na palavra, que no discurso é materialidade verbal, carregada de sentido, de ideologia e principalmente, é nela que se conduz a transformação social. Dessa forma, é pela palavra, que o sujeito confronta seu mundo interior (a consciência) – constituída de palavras – e o seu mundo exterior – edificado na palavra.

Sob esse aspecto, nos trabalhos de Bakhtin e do seu Círculo, a linguagem e a palavra são (re) posicionadas, em relação aos conceitos trazidos pela visão tradicionalista. Nesse sentido, a linguagem, passa a ser vista associada à vida e a realidade, em um processo contínuo de interação entre o falante e o seu interlocutor. No entanto, a cada interação⁴ os falantes dão vida às palavras, que são confrontadas, entendidas, aceitas ou não pelos seus interlocutores, segundo seus valores sociais. Nesse processo a palavra falada, expressa, enunciada, representa segundo Bakhtin/Voloshinov: “[...] uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor”. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1986, p. 113)

Nessa perspectiva, o sujeito compreende o mundo pela palavra, confrontando-a com a sua consciência (interior/interiorização) e com o material semiótico ideológico, que circula no seu mundo

⁴ Utilizo o termo vinculado à definição feita por Adail Sobral: “O agir do sujeito é sempre interativo (que segue a direção da polifonia, isto é, da presença de várias “vozes”, vários pontos de vista no discurso, que naturalmente podem ser escamoteados, embora não deixem de estar presentes.) Retirado do artigo: ATO/atividade e evento p.12-36, 2013.

exterior. Nesse confronto dialógico entre o eu e o Outro, uma nova palavra, um novo signo aparece, transformando e (re)formulando os enunciados plenos do discurso social. Nesse sentido, toda palavra, segundo Bakhtin, “[...] como palavras *alheias*, trazem ecos de outros enunciados”. (BAKHTIN, 2010, p.294)

Desse modo, ainda como ressalta o autor russo, “[...] o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real”. (BAKHTIN, 2010 p.275) diferenciando-se das unidades da língua como palavra ou orações convencionais, mas aproximando-a da vida, da realidade, a qual o falante compartilha com Outro falante, seus valores sociais, ideológicos e históricos. Nesse sentido, como pontua Stella: “[...] a palavra reposiciona-se em relação às concepções tradicionalistas, passando a ser encarada como elemento concreto de feitura ideológica”. (STELLA, 2013 p.178)

Nesse sentido, como a palavra, a linguagem, também passa a ser concebida e tratada de outra maneira, como define Geraldi (2010. p.34):

“A linguagem é condição *sine qua non* na apreensão e formação de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; ela é ainda a mais usual forma de encontro, desencontro e confronto de posições por que é através dela que estas posições se tornam públicas. Por isso é crucial dar à linguagem o revelo que de fato tem: não se trata evidentemente de confinar a questão educacional à linguagem, mas trata-se da necessidade de pensá-la à luz da linguagem.” (GERALDI, 2010 p.34)

Seguindo ainda as considerações do autor, a linguagem passa a ser vista como parte fundamental do processo de constituição do sujeito. Dessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa precisa ser (re) pensado a partir dos resultados das inter-ações entre o eu e o Outro, onde a linguagem encontra o seu lugar privilegiado na:

[...] *interlocução* tomada como espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeito. Antes de qualquer outro de seus componentes, a linguagem fulcra-se como evento, faz-se história e tem existência real no momento singular de interação verbal. É da natureza do processo constitutivo da linguagem e dos sujeitos discursivos sua relação com o singular, com a unicidade do acontecimento. Por isso os discursos são densos de suas próprias condições de produção. Sendo cada vez único, fazendo-se no tempo e constituem história. As estruturas linguísticas que inevitavelmente se reiteram também se alteram, a cada passo, em sua consistência significativa. Temos sempre passado no presente, que se faz passado garantindo horizontes de possibilidades

de futuro: trabalho de constituição da linguagem (e das linguagens) e dos sujeitos. (grifo do autor) (Idem, Ibidem, p.34-35)

Desse modo, se a linguagem em sua essência apresenta todas essas características, é evidente, que os enunciados constituídos de palavras, enquanto signos ideológicos, fundamentam todo o nosso discurso. Nesse sentido, o sujeito, traz consigo marcas dos discursos de Outros, carregado de um já-dito, de um já-falado que foi retomado para que outros sentidos possam ser constituídos, e uma nova enunciação aconteça.

Assim, o Geraldi nos remete ao conceito da Interação Verbal, trazida por Bakhtin/Voloshinov, onde o enunciatador em meio a uma situação extraverbal, conecta-se a *palavra exterior*, para que o seu interior (o discurso interno) seja provocado, pelo uso, pela realidade cotidiana, estabelecendo diferentes elos de significações.

Retomamos, portanto, a noção de Dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, que segundo Bakhtin (2010, p.327) é compreendido como:

[...] A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a *concordância*, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetais), sobreposição do sentido sobre o sentido, da voz sobre a voz, intensificação pela fusão (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível. [...] (grifo do autor) (BAKHTIN, 2010 p.327)

Sendo assim, na visão Bakhtiniana compreender o Dialogismo – como processo constitutivo da linguagem – está além de uma conversa entre dois sujeitos, mas sim de uma construção dialógica de sentido. Nessa concepção, a enunciação proferida no acontecimento da comunicação verbal, nos projeta para fora dos limites semânticos – delimitados por palavras – alcançando seus amplos e ininterruptos sentidos no processo dialógico da linguagem.

Nesse sentido, a enunciação como forma de inter-ação, realizada na relação extraverbal, se compara, segundo Bakhtin/Voloshinov:

[...] é uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e formas dessa ilha são determinadas pelas situações da enunciação e por *seu auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo

gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (grifos do autor)
(BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1986, p.127)

Para o autor, a cada “ilha que emerge”, nos sujeitos ativos do discurso social, construímos enunciados – elemento de comunicação indissociável com a vida – repleto de palavras alheias, de “já-ditos” e de relações valorativas e responsivas, diante do ouvinte.

Desse modo, o discurso (oral ou escrito) exige muito mais que simplesmente o conhecimento estável da nomenclatura linguística, mas há nesse discurso um movimento constante com os vários outros enunciados, que no discurso/texto, incorporam-se a uma multiplicidade de outros discursos e que de certa forma associamos a outros enunciados e a outros textos. Dessa maneira, Bakhtin, nos remete ao plurilinguismo, que em *O Discurso no Romance*, é evidente nos discursos do narrado e nos discursos do personagem que de certa maneira – intencionado/refratado – se disseminam no discurso do autor.

Para o teórico russo, a linguagem não é una ou única, mas nos constitui significativamente pela linguagem de *outrem*, ou seja, entre o que se relacionada (interna e externamente) e a sua própria linguagem:

Todas as formas que introduzem um narrador ou um suposto autor assinalam de alguma maneira que o autor está livre de uma linguagem una e única, liberdade essa ligada a relativização dos sistemas linguísticos literários, ou seja, assinalam a possibilidade de, no plano linguístico, ele não se autodefinir, de transferir as suas intenções de um sistema linguístico para outro, de misturar a “linguagem comum”, de falar *por si* na linguagem de *outrem*, e por *outrem* na sua própria linguagem (grifos do autor).

Do mesmo modo que em todas essas formas (o relato do narrador, do suposto autor ou de um dos personagens) ocorre a refração das intenções do autor, nelas são possíveis, como no romance humorístico, distancias diferentes entre cada momento da linguagem do narrador e do autor: a refração pode ser ora maior, ora menor, e em *alguns momentos pode haver uma fusão quase total de vozes* (grifos nossos). (BAKHTIN, 2010, p. 119)

Explorando um pouco mais essa questão, Bakhtin, assim se coloca:

[...] E quando, numa observação superficial, a linguagem do autor parece una e comedida, direta e francamente intencional, no entanto, atrás desse plano liso e unilíngue descobrimos uma *prosa*

tridimensional, um plurilinguismo profundo que responde aos imperativos do estilo, definindo-o. (grifo nosso) (BAKHTIN, 2010, p.120)

O autor observa, que mesmo a linguagem do autor sendo simples ou como um “plano liso”, tem sua primazia, na *estratificação*, que leva, segundo Bakhtin, a um: “[...] plurilinguismo disseminado pelos discursos do autor, ao redor dos personagens, criando suas as zonas particulares, que se formam a partir dos semidiscursos dos personagens”. (BAKHTIN, 2010, p.120). De acordo com essas considerações, encaminhamos para o *corpus* dessa pesquisa, textos produzidos por aprendizes da escrita, que marcam – mesmo que inicialmente – indícios de autoria. Nessas evidências, como podemos perceber, os escritores desses textos, transpassam todas as fronteiras e se encontram ora como autor, ora como narrador e ora como personagem, ocupando e pontuando seus espaços no decorrer da narrativa.

Cabe salientar, que mesmo sendo uma narrativa conhecida, pelos aprendizes, desde a Educação Infantil, ela passa por um deslocamento temporal – vivemos passado (no que já conhecemos da história: enredo, cenário, personagens, o fantástico) presente (o acontecimento da escrita, o texto) e futuro (onde lançamos tudo o que vivemos e sentimos para a personagem, em uma relação de proximidade afetiva) – que torna cada produção de texto singular, único e essencial na vida de cada aprendiz.

Nessa perspectiva, aproximamos, em uma análise inicial texto/discurso produzido por crianças, os aprendizes da escrita, com uma profunda compreensão da linguagem, que as constitui como sujeitos/autores. Entretanto, é relevante salientar, que esses aprendizes fazem parte de processo de vida escolar, o qual está interativamente ligado, a muitas vozes que ecoam nos discursos de *Outrem*. O *corpus* de nossa análise se constitui de 3(três) textos, que foram escritos após o reconto, feito por uma das crianças da sala, do Conto “Chapeuzinho Vermelho”. Contudo, não podemos deixar de ressaltar a importância das Outras crianças da sala, que interagem significativamente, confrontando seus valores sociais, posicionando-se de forma interativa na interlocução, ou seja, sujeitos ativos no ambiente social: a sala de aula.

2. A Produção Textual: O Sujeito e suas Relações com a Linguagem e o Discurso

Com base, nessas reflexões analisaremos uma proposta de Produção de Texto, que foi realizada com alunos aprendizes da escrita. Também é preciso considerar, que as três crianças vêm da Educação Infantil em escolas do Município, e que o processo se evidencia de forma contínua na Educação Básica

estadual. No entanto, o trabalho realizado, segue o Referencial Curricular Estadual do Mato Grosso do Sul, para o desenvolvimento da atividade de escrita.

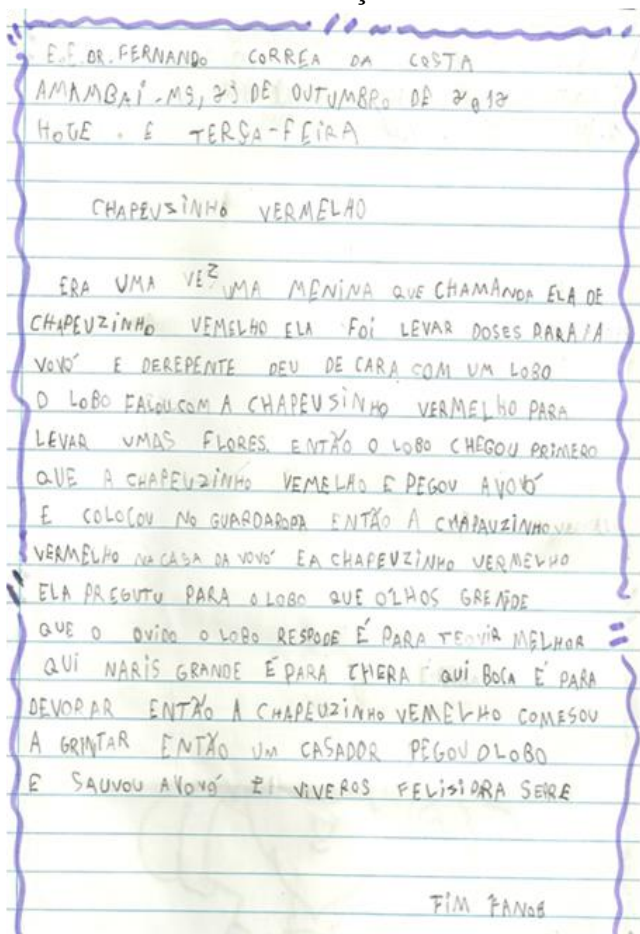
Para o desenvolvimento dessa atividade escrita, os alunos foram envolvidos em um processo de contação de história, onde foram utilizados alguns materiais pedagógicos, o livro de histórias e um vídeo relacionado⁵. O Conto do Chapeuzinho Vermelho foi contado pela professora e recontado por um aluno da sala, como a ajuda do Avental Pedagógico⁶, que possibilita a interação dos outros alunos para que o relato seja coletivo. A participação inicial de um aluno da sala que faz o relato da história é fundamental, pois produz uma outra versão e que, aos poucos, envolve todas as outras crianças a participarem verbalmente da narrativa. Nesse sentido, a narrativa ganha diferentes pontos de vista e uma multiplicidade de sentidos ligados ao cotidiano, à vida e principalmente aos sentimentos que são enunciados em uma comunicação discursiva intensa. Nesse sentido, não podemos compreendê-la simplesmente como um diálogo face a face, mas como uma construção dialógica de sentido entre os sujeitos, que falam, respondem, refratam e enunciam discursos trazidos por muitas vozes alheias, de *Outrem*, que interagem no acontecimento da escrita.

Nesse espaço de Interlocução, temos o texto/discurso, que vivido de outra forma – pelos alunos e pela professora – tem outro lugar, tem outro sentido. Nessa perspectiva, Geraldi, no texto intitulado como: *Os perigos d'o texto na sala de aula* (2010, p.115), nos esclarece:

⁵ O vídeo utilizado pela professora foi acessado pelo youtube, para complementar a atividade de leitura feita em sala, nesse caso os vídeos são relacionados com a história da Chapeuzinho Vermelho.

⁶ Esse material utilizado em sala é faz parte de um conjunto de material pedagógico disponibilizado pela escola que compreende: Avental Pedagógico (produzido pelas próprias professoras e usado na contação de histórias), Bandinha, acervo de livros infanto-juvenis, videoteca, entre outros.

Retomo aqui o ponto de vista que tem norteado minhas reflexões sobre o ensino de língua materna: um texto não é um produto da aplicação de regras e nem mesmo das regularidades genéricas; *é produto de elaboração própria que encontra nos outros textos apenas modelos ou indicações*. A criatividade posta em funcionamento na produção do texto exige articulações entre situações, relações entre interlocutores, temática, estilo próprio, o querer dizer do locutor,



suas vinculações e suas rejeições aos sistemas entrecruzados de referências com as quais compreendemos o mundo, as pessoas e suas relações (grifo nosso) (GERALDI, 2010, p.n 115).

Dessa perspectiva, procuramos levantar alguns pontos de mudança e de ruptura no Ensino de Língua Portuguesa, principalmente nos anos iniciais do Fundamental I, onde os aprendizes têm a possibilidade de se constituírem como sujeitos da ação, da condição essencial e do ingrediente indispensável, que é a linguagem. Observemos que por mais que a escola tente bloquear o texto/discurso, ela não consegue bloquear o interdiscurso que também se materializa na relação com outros discursos, com os quais o texto se relaciona.

Desse modo, a visão de Geraldi leva-nos a compreender que o texto/discurso nos revela um autor de estilo próprio, o sujeito constituído da linguagem o qual lhe proporciona uma multiplicidade de outras línguas ou de um plurilinguismo entre os personagens da história, que se materializa no discurso escrito. Nessa perspectiva, observamos os texto/discursos produzidos pelos aprendizes A, B e C, consecutivamente.

Nesse primeiro texto, observa-se, em um primeiro plano, que o autor nomeia a personagem, mostrando-se conhecedor de uma história, em que uma das personagens era uma menina chamada de “Chapeuzinho Vermelho” e que seguramente, agora, faz parte da sua narrativa. Portanto,

compreendemos que o autor deixa claro a influência do reconto (oral/escrito) na construção de sua narrativa. Ainda nesse plano podemos perceber a maneira que o autor usa suas palavras, aproximando-as da linguagem vivida na sua realidade cotidiana, no seu contexto: [...] *e derepente deu de cara com um lobo*. Nesse sentido, seu discurso interior é provocado, com o que já foi dito, já foi falado, em uma outra situação extraverbal, mas que reformula todo seu processo interno, e nesse caso ele usa de forma singular no texto, o novo signo (os novos signos) trazidos, ativamente pelas palavras do Outro. Nesse sentido, a linguagem é entendida em sua primazia, no viés do dialogismo, constituindo ativamente o sujeito do discurso.

Sob esse aspecto, o autor, dá vida aos enunciados de cada personagens como Lobo e a Chapeuzinho, em um movimento ativo da linguagem. Nesse sentido, encontramos nos seguintes trechos, marcas verbais carregadas de discursos de *Outrem*, indicadores de um processo interativo: *O lobo falou com a chapeuzinho vermelho para levar umas flores. Então o lobo chegou primeiro que a chapeuzinho*. Há por isso, uma aproximação dialógica de sentido construído no seu discurso, onde o personagem o Lobo teria mais tempo que a Chapeuzinho para se locomover até a casa da Vovó. Nesse sentido, o uso do **então**, empregado semanticamente como advérbio de tempo⁷ que segundo Neves (2000, p.263) é definido como: “[...] a natureza **dêitica** da categoria **tempo** (propriedade da **sentença** e da **enunciação**), que relaciona temporalmente o evento e a enunciação” (grifos da autora). No entanto, evidencia como a personagem se desprende de uma situação (o encontro com o chapeuzinho) para outra, (a casa da vovó), conectando cada enunciado a uma realidade diferente no texto, bem próximo da sua linguagem cotidiana.

Nesse sentido, devemos ainda observar que os outros textos B e C, trazem concepção de tempo marcada pelo uso dos verbos no presente, que representam um domínio, por parte do autor da linguagem usada, pelos personagens no seu discurso. A seguir recortamos trechos que podem ser considerados como relevantes para essa afirmação: [...] *um lobo apareceu e dice para ela pegue flores La no jardim e ela aceitou e o lobo foi correndo para a casa da vovó primeiro que ela. [...] vio o lobo e dise Ola chapeu oque esta fazendo chapel dise estou levando doses para minha vovó o lobo teve uma ideia o lobo dise para levar flores também. luando chapel terminou de colher as flores. O lobo correu tanto que chegou*. Dessa maneira, mesmo o aprendiz apresentando algumas dificuldades com a escrita, o

⁷ Utilizamos a Gramática de Usos do Português, no item: O Advérbio, que emprega a seguinte definição: Há advérbios que se referem a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado (fóricos). Atentamo-nos ao item b) O tempo em questão não-cronológico, sem ligação com o calendário.

precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (grifo do autor) (BAKHITN, 2010, p.297)

Sob essa concepção, retomamos o texto B e C, onde cada autor caracteriza sua personagem baseando-se em suas relações afetiva entre eu-para-o-outro em um plano valorativo – emocional, que aproxima a vivência social do autor como o seu próprio discurso, materializado nos trechos que seguem: (texto B) *Era uma vez uma menina linda que se chamava Chapeuzinho Vermelho.*(texto C) [...] *uma menina linda o nome dela era Chapelzinho Vermelho mas a mãe a chamava de Chapeu e a mãe disse que era para levar esa sesta. Cheias de doses mas a mãe dis cuidado como Lobo.*

Nesse sentido, observamos que a proximidade entre o autor e suas personagens segue ao longo da narrativa, quando notamos o tom de aconselhamento da mãe para a filha. Os enunciados escolhidos pelo autor estão conectados a linguagem materna, que de certa forma, também é vivida por ele em um plano real, que o constitui significativamente pelas línguas de *Outrem*, que se (re)configuram nas vozes de cada personagem, como *uma prosa tridimensional, de um plurilinguismo profundo.*

Nessa perspectiva, percebemos que mesmo com a influência do Conto original, em que as características do lobo são exaltadas, é evidente que os autores são constituídos de uma linguagem múltipla, que faz com que seu interdiscurso seja a todo o momento (re)elaborado e (re) significado para que tenha sentido como materialidade verbal. No entanto, o autor (os autores) estabelece(m) sentido novo ao final da narrativa, como segue nos trechos: [...] *Então o casador pegou o lobo e salvou a vovo e viveros felizis para sempre. [...] um casador pur peto ouviu o grito da Chapeuzinho achou o lobo prendeu ele e levou para bem longe e procurou a vovó axaram a vovó e Chapeuzinho agradeceu e tambai chamou ele para comer o bolo com a sua vó. [...] um caçador que estava pasando ouviu o grito SOCORRO, SOCORRO. O casador atirou no lobo e a vovó ficou feliz e viveram felizes para sempre.*

Diante dessas considerações, o texto/discurso dialoga intensivamente com outros discursos, em sua materialidade verbal, sendo construído por um autor que se multiplica entre os seus personagens. Nesse sentido se constitui de uma linguagem viva, ativa no seu ambiente social e discursivo. Trata-se, como podemos observar, de um sujeito que se projeta na língua e fora dela, pois os movimentos de sentido fluem ao longo de toda a narrativa e por mais simples que seja esse “plano liso” carrega evidências de autoria.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas, procuramos pela análise desses textos/discursos escritos, produzidos pelos aprendizes, evidenciar como o sujeito se constitui pela linguagem nas múltiplas relações dialógicas, que constroem seu discurso interno. Entretanto, tais relações se modificam ao longo de um processo interno, de confronto, de interpretação até o surgimento de um novo sentido e nova palavra passa a ser usada em seus enunciados.

Nesse sentido, o texto/discurso tem em sua materialidade, enunciados carregados de sentido, de vozes que se entrelaçam para dar vida ao discurso, visto como espaço de produção e de interlocução. Desse modo, ao observar cada um dos textos, evidenciamos que a professora rompe com as estruturas textuais, dando possibilidade aos alunos de se constituírem como autores de seus textos. Sob esse aspecto, Geraldi, no explica que: “A produção de um texto começa muito antes das atividades propostas em sala de aula. O convívio com o mundo da escrita, a leitura e a prática da discussão são elementos importantes no processo de constituição do sujeito autor de seus textos”. (GERALDI, 2010, p.170)

Nessa linha de raciocínio, o fazer pedagógico é fundamental para que os aprendizes da escrita evidenciem em seus discursos, relações de sentidos e de proximidade com cotidiano, que vivencia. Como se sabe, para compreendermos os enunciados exteriores, precisamos confrontar e interpretar internamente os próprios enunciados, que ganham vida em cada texto materializado, por isso carregados de sentido, de vozes, de outros discursos que se multiplicam nas esferas dialógicas.

A partir dessa concepção, essa nova palavra, que agora faz parte do enunciado materializado no discurso do sujeito, que por sua vez, é motivado pelo uso e principalmente pela realidade cotidiana, é que evidenciam nessas análises, indícios de autoria.

Entretanto, os textos/discursos analisados são produto de um trabalho discursivo intenso que remete a inúmeras possibilidades de mudança e de ruptura para o Ensino de Língua Portuguesa, onde a linguagem e a interação verbal são pontos fundamentais para que o sujeito se constitua como leitor, escrito e autor do seu próprio discurso.

REFERÊNCIAS



EDIÇÃO Nº 12 – Volume II ,
SETEMBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

- BAKHTIN, Michael. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1994
_____. *O Discurso no Romance*. In. *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do Romance*. 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 107-133
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986
- GERALDI, João Wanderley. *A Aula como Acontecimento*. São Carlos: Pedro & João, 2010
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual e Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, Editora UNESP 2000.
- SOBRAL, Adail. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT B. et al. (org). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p.11-36.
- STELLA, Paulo Rogério. *PALAVRA*. In: BRAIT B. et al. (org). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p.177- 190.